

## EDUCAÇÃO DO CORPO: O *ETHOS* RELIGIOSO EVANGÉLICO E AS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS E CURRICULARES SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

**Dra. Márcia Cristina Rodrigues da Silva Coffani**  
**Dr. Cleomar Ferreira Gomes**  
Universidade Federal de Mato Grosso

**RESUMO:** O trabalho comunica as investigações do/no/sobre o cotidiano de uma escola evangélica assembleiana, em que se configuram práticas de educação do corpo dos jovens alunos do Ensino Médio, a fim de subsidiar reflexões dos sentidos simbólicos assumidos pelas práticas corporais e que derivam em implicações pedagógicas e curriculares para Educação Física. A pesquisa é qualitativa, etnográfico-descritiva, envolveu revisão literária; análise de fontes documentais; observações diretas *in loco*

participantes das aulas e do contexto da escola; entrevistas semiestruturadas com jovens alunos e a professora. Identificou-se que há um grau de influência do *ethos* religioso evangélico sobre os “usos do corpo” e que delimita as práticas pedagógicas na escola evangélica assembleiana, a partir do aprofundamento da compreensão da relação estabelecida pela Educação Física e o jovem aluno do Ensino Médio e seu *ethos* religioso evangélico.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação do corpo; cultura escolar evangélica; educação física

## BODY EDUCATION: THE EVANGELICAL RELIGIOUS ETHOS AND THE PEDAGOGICAL AND CURRICULAR IMPLICATIONS ON PHYSICAL EDUCATION IN HIGH SCHOOL

**ABSTRACT:** This paper reports the investigations of/on/ about the daily life of a congregational evangelical school, in which the practices of education of the body of the young students of High School are configured, in order to subsidize reflections of the symbolic meanings assumed by the corporal practices and that derive in pedagogical and curricular implications for Physical Education. The research is qualitative, ethnographic-descriptive, involved literary review; analysis of documentary sources; direct observations in

loco participants of the classes and the context of the school; semi-structured interviews with young students and the teacher. It was identified that there is a degree of influence of the evangelical religious ethos on the "uses of the body" and that delimits the pedagogical practices in the assembly evangelical school, from the deepening of the understanding of the relation established by the Physical Education and the young student of the High School and its evangelical religious ethos.

**KEYWORDS:** body education; evangelical school culture; physical education



## 1 APRESENTAÇÃO

O trabalho comunica as investigações do/no/sobre o cotidiano de uma escola evangélica assembleiana (EEA) em Cuiabá-MT, com a descrição das práticas de educação do corpo dos jovens alunos do Ensino Médio (EM), a fim de subsidiar reflexões dos sentidos simbólicos assumidos pelas práticas corporais e que derivam em implicações pedagógicas e curriculares para Educação Física (EF) no EM, na escola evangélica.

O texto foi estruturado de forma que permita ao leitor compreender a base teórica e metodológica da pesquisa, que se fundamentou na socioantropologia que valoriza a compreensão relativista dos processos socioculturais de educação do corpo, neste caso, no cotidiano da EEA.

A organização dos “achados” da pesquisa se fez em temáticas que incidem sobre o processo de educação do corpo do jovem aluno na EEA e suas relações com as práticas corporais. Identificaram-se as implicações institucionais e curriculares que delimitam as práticas pedagógicas, a partir do aprofundamento da compreensão da relação estabelecida pela EF e o jovem aluno do EM e seu *ethos* religioso evangélico.

## 2 O CORPO E SEUS USOS RELIGIOSOS PELOS EVANGÉLICOS ASSEMBLEIANOS

Compartilhamos a compreensão da análise cultural da religião, como um sistema simbólico de valores ordenativos da vida social. Tal como proposta por Geertz (2008) nos permite dizer que cada religião processa suas crenças e costumes, a partir de um discurso social que se inscreve no “corpo de seus fiéis”, muitas vezes, diversos e contraditórios entre cada uma das organizações religiosas, e que de fato cuidam da modelagem do corpo, que é, “[...] o mais



natural, o mais concreto, o primeiro e o mais normal patrimônio que o homem possui” (RODRIGUES, 1983, p. 47).

O corpo expressa uma pertença social e religiosa. No caso das religiões cristãs está no centro do mistério do sacrifício religioso, e é por meio dele, que se corre o risco de perder-se (GÉLIS, 2008). O corpo é, para os evangélicos, objeto de constante desconfiança moral.

Neste trabalho, compreendemos o corpo como expressão da construção simbólica cultural humana, seus gestos e movimentos como tradutores dos elementos estéticos, éticos, morais, da sociedade em que se manifestam, como nos propõe Mauss (2003).

A proposição teórica de Mauss (2003) sobre o corpo parece combinar com a compreensão do “homem biocultural” e “cultura simbólica” de Geertz (2008), pois no corpo repousam símbolos morais e intelectuais, e as práticas habituais da sociedade aprendidas pelos homens, como garantia da conservação da comunidade. O que nos leva a conceber as práticas corporais como construções dinâmicas dos homens, que atendem às tradições de cada grupo social. Revela-se que cada sociedade possuiria um jeito de comportar-se e de dispor do seu corpo (MAUSS, 2003).

Os estudos no campo da sociologia e antropologia (DURKEIM, 2000; MAUSS, 2003; WEBER, 2001) nos permitem afirmar que, independentemente da religião, o corpo é alvo de expressão religiosa, de costumes, crenças e mitos, pela visibilidade de gestos e comportamentos, que tipificam e permitem reconhecer o sujeito e sua condição religiosa.

No caso das religiões evangélicas, o corpo é usado para atestar materialmente a fé. O corpo é palco do sacrifício religioso, principalmente nas vertentes tradicionais, para salvação divina da alma do mundo pecaminoso. O corpo é sagrado, e as coisas sagradas são consideradas “[...] como uma fonte inesgotável de forças, capazes de produzir efeitos infinitamente especiais e



infinitamente variados” (MAUSS, 2003, p. 179). Há a ideia de “[...] contrapor-se ao discurso do “mundo”, destacando a necessidade de conviver em meio as suas “concupiscências” sem participar delas, particularmente no que diz respeito à moral sexual” (ALVES, 2011, p. 88, grifos da autora).

Alves (2011) afiança que a Igreja Evangélica Assembleia de Deus é uma das duas primeiras denominações pentecostais implantadas no país. Caracterizou-se desde seu início pela intensa participação leiga e rígida hierarquia de um clero constituído majoritariamente por homens adultos ou idosos; mantém centralidade na expressão dos “dons do espírito” e rigidez em relação às exigências sobre a aparência e comportamento dos fiéis. Essa organização religiosa exige de seus adeptos (investidos de crenças públicas) que professem um código de moralização do corpo, entendido como uma forma de sacrifício religioso, capaz de purificar o corpo profano que põe em risco a salvação da alma, do espírito.

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa, de tendência etnográfico-descritiva, pois descreveu a configuração da cultura escolar evangélica, suas relações com a condição juvenil dos jovens alunos do EM e a EF<sup>1</sup>. Procedeu-se a análise do Projeto Pedagógico da EEA e plano de ensino da EF; observações do contexto escolar e das aulas de EF com registro fotográfico e em diário de campo; e, entrevistas semiestruturadas com jovens alunos e a professora de EF do EM.

As incursões *in loco* ocorreram no templo central de evangelismo pentecostal da Igreja Assembleia de Deus em Cuiabá-MT (considerado um dos maiores centros religiosos cobertos da América Latina), que é aproveitado para funcionamento da EEA e demais ações educacionais e filantrópicas destinadas



aos filhos dos membros da Igreja, e externadas às demais famílias independentemente da filiação religiosa.

A EEA funciona há cerca de 30 anos, gerida como uma obra social. A proposta pedagógica é preocupada com a formação educacional, moral e religiosa do aluno da Educação Básica. Os jovens alunos da EEA são em maioria provenientes de famílias assembleianas, que se dizem “criados no evangelho”, entre eles, filhos e ou netos de pastores religiosos e autoridades da Igreja.

A EEA presta atendimento escolar aos níveis de Educação Básica (Infantil, Fundamental e Médio), nos períodos matutino e vespertino. O EM adota o regime regular. No ano de 2015, atendeu 540 alunos (254 meninos e 286 meninas), sendo 216 novos alunos e 324 alunos rematriculados, com um total de 241 vagas ociosas.

A investigação foi realizada durante 2015/2 com o acompanhamento semanal da rotina da EEA no dia de ocorrência das duas aulas semanais de EF no EM, ofertadas às sextas-feiras, no turno matutino, sem dispor de espaço físico adequado e limitando sua ocorrência nos fundos do estacionamento ou à sala de aula, acrescentada da interdição da bola e do esporte. Apresentamos a seguir, a distribuição dos jovens alunos nas turmas investigadas:

**TABELA 1 – MATRÍCULA DE ALUNOS NO EM DA EEA**

<b>Turmas</b>	<b>Vagas Previstas</b>	<b>Novos alunos</b>	<b>Rematriculados</b>	<b>Total de alunos</b>
Primeiro Ano A	35	08	15	23
Primeiro Ano B	35	13	13	26
Segundo Ano A	40	09	22	31
Terceiro Ano A	30	00	20	20
Total	140	30	70	100

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Procedemos à análise cultural compreensiva (GEERTZ, 2008) do cotidiano da EEA, da totalidade de padrões culturais acumulados nas ações pedagógicas, que se materializam em respeito à doutrina religiosa do evangelismo pentecostal



tradicional. Importou registrar o estilo do discurso, a postura, a forma de vestir, impregnados no corpo do jovem aluno por intermédio da cultura evangélica, como “ricas pistas” para compreensão das implicações e do papel pedagógico desempenhado pela EF e suas relações com a condição juvenil dos jovens alunos do EM da EEA.

O processo de análise “dos achados” de pesquisa integrou “o olhar, o ouvir e o escrever” (OLIVEIRA, 2000), ao apreender os fenômenos sociais, textualizando-os em sua trivialidade do cotidiano, inscrevendo-os numa proposição de foro narrativo dialógico e epistemicamente relativista, ao empregar a “triangulação” de dados em perspectiva socioantropológica.

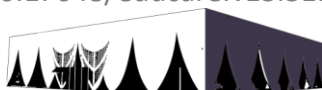
## 4 OS PROCESSOS SOCIOCULTURAIS DE EDUCAÇÃO DO CORPO

Um primeiro indício da pertinência da tarefa religiosa na EEA é o cartaz exposto no mural produzido por jovens alunos do EM, que simboliza “o mito do sacrifício do cordeiro”:



Figura 1 - Cartaz disposto na EEA.

Fonte: Arquivo da pesquisa, 23 de outubro de 2015.



O cartaz materializa a sacralização do mito do “Cordeiro”, ao passo que revive e alimenta simbolicamente o imaginário social e religioso do jovem evangélico assembleiano. Este é um símbolo religioso, social, pessoal e coletivo dos cristãos, por meio dele, a EEA se faz lembrar a doutrina religiosa que orienta suas ações pedagógicas.

As incursões indicaram que ali se consagra uma doutrina de conservação do corpo; que há uma proposta de ensino fundamentada em aspectos disciplinares religiosos; e que contraditoriamente, há duas aulas semanais de EF para o EM, no turno escolar.

As observações registraram que a cultura escolar é recheada de uma áurea religiosa evangélica, que pareceu ser corporificada pelo “Devocional” semanal e diário em sala de aula; uma maioria de professores evangélicos; diversos cartazes com versículos bíblicos; a inclusão de uma disciplina de Formação Cristã no currículo escolar que ratifica os preceitos evangélicos da mantenedora da EEA; inclusive, a proibição da bola e das práticas corporais, principalmente, aquelas entendidas como esporte. Esses são testemunhos sobre como a cultura escolar da EEA mantém intenso e atuante o vínculo cultural, entre a visão filosófica e a intenção pedagógica, em seu cotidiano.

O Projeto Pedagógico da EEA (2013, p. 60) afirma que as famílias atendidas, “[...] buscam não só a formação para o exercício profissional, mas a formação para uma cidadania pautada em valores espirituais” para seus filhos. Esse pressuposto político, formativo e pedagógico assume sentidos, ao acompanharmos a rotina dessa escola.

Assim, detalhamos que o “reencontro com Deus” proposto no Projeto Pedagógico da EEA (2013) foi notado com o “Devocional”, que é uma acolhida diária em sala de aula destinada à leitura de versículos bíblicos, cânticos de músicas gospel, e que semanalmente ocorre com todos no hall de entrada com a conotação de tempo e espaço curricular de manifestação de louvor religioso.



Como também, com a realização do Festival de Música da EEA que foi criado para atender as demandas de socialidades dos jovens alunos, assume um caráter cultural evangélico, e é marcado por diversas etapas de seleção dos melhores alunos cantores da escola, das diversas turmas de ensino. O cantar e a música, principalmente, o gênero Gospel, são muito valorizados entre os alunos evangélicos. Para dar “vazão” à necessidade de viver sua condição juvenil, e ao mesmo tempo respeitar a condição religiosa, a EEA criou essa dinâmica cultural, que permite aos alunos evangélicos estabelecerem formas de socialidades, nas quais, o imperativo é o cooperar e celebrar os valores morais e religiosos. Neste evento, é permitido ao aluno evangélico “mostrar-se”, mostrar o seu dom, desde que esse seja “em nome e elevação do sagrado”.

Destaca-se que na EEA não ocorrem festas consideradas “profanas”, como as tradicionais “Festas Juninas” com quadrilhas e comidas típicas; ou, participação em jogos esportivos entre escolas ou entre as turmas de alunos, diferentemente, de outras realidades escolares.

Há também, a figura do “Professor Conselheiro de Sala” indicado pela equipe pedagógico-educacional, que orienta uma turma de ensino, atuando na resolução de problemas de grupo, sobretudo relacionados às normas disciplinares. Esta é uma estratégia pedagógica para aproximar os alunos do código de regras e normas da escola, principalmente, aqueles que não são evangélicos.

A EEA investe na formação do devoto, ao ensinar o regradar e o formatar das formas de apresentação individual e coletiva do corpo, seja dentro ou fora da Igreja, influenciando as imediações na vida social, com base nos costumes postulados pela doutrina evangélica assembleiana. Para tanto, há a disciplina de “Formação Cristã”, com conteúdos e práticas referenciadas nos ensinamentos evangélicos cristãos.

Há o estabelecimento de um “vínculo moral” para se assegurar o “vínculo religioso”, compartilhado pelos fiéis evangélicos, que se caracteriza pelo





desprendimento e abnegação das “coisas mundanas”, ou seja, uma severa distinção entre as “coisas divinas” e as “coisas da carne” (WEBER, 2001), como o corpo e as práticas corporais, com reflexos sobre as aulas de EF.

O corpo e os “usos do corpo” são sempre alvos de permissões e interdições, visibilidade e apagamento, produzidas em acordo com as crenças e dogmas no interior de cada religião. Por vezes, acompanhadas de mitos, fatos e explicações metafísicas que buscam ensinar o autogoverno dos comportamentos aos homens, segundo os padrões culturais de cada religião.

Por outro lado, incide uma diferente medida de dogmas religiosos sobre o corpo, dependendo da religião. Algumas formas religiosas incidem, mais diretamente ou indiretamente, seus ensinamentos religiosos sobre o corpo de seus fiéis, ao buscar assegurar a disseminação e conservação da sua doutrina.

Tomamos “os usos do corpo” na acepção de Mauss (2003), que enfatiza a compreensão do corpo objeto e meio técnico do homem, que permite a unidade entre a ação humana e sua significação. O corpo é marcado pela diversidade cultural, sobretudo de crenças, que em muitos casos se opõem entre as culturas, e que incide também, pela diversidade de práticas de comportamento humano. As formas aceitáveis de comportamento, usos e costumes em relação ao corpo variam amplamente entre as múltiplas culturas humanas, podendo ser objeto de tensão, de escandalização, interdito e permitido.

A construção do *ethos* evangélico assembleiano registrado no cotidiano da EEA indica que se fundamenta num código moral religioso que prescreve regras de apresentação do corpo quanto aos trajes, à fala e aos gestos, individuais e coletivos, que permite identificar os seus membros e se projeta sobre autovigilância dos gestos mesmo no universo íntimo. Há uma centralidade sobre o corpo, que expressa uma vontade coletiva, de seu ordenamento e governança; um padrão de conduta visível, resultante das interdições e imposições sobre a corporeidade do indivíduo, dirigindo suas “técnicas corporais<sup>2</sup>”.



Para os evangélicos, o corpo é dado por Deus e de seu coerente uso depende a sua salvação. Portanto, há que se ensinar aprender e adotar gestos e modos de agir aconselhados pelos preceitos religiosos. Ao mesmo tempo, o corpo evangélico, palco simbólico das fraquezas humanas, necessita de um rígido código moral de conduta, que orientará seus usos, suas “técnicas corporais”, que permite reconhecer a pessoa e sua condição religiosa, a partir do reconhecimento da atitude própria do “corpo evangélico”.

As religiões evangélicas concebem o corpo como sagrado, miraculoso:

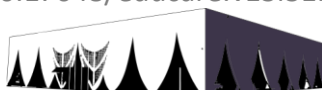
[...] é a parte do ser humano que está mais próxima do “pecado” e das “tentações”. Neste sentido, a religião constitui-se como uma instituição educadora do corpo dos indivíduos que a freqüentam, pois quando um sujeito adere a uma religião, ele adota seus símbolos morais e incorpora as condutas sociais que as pessoas do grupo religioso esperam dele, de modo que, para ser um evangélico, por exemplo, é necessário abandonar alguns hábitos e aderir a outros (RIGONI, 2009, p. 174, grifos da autora).

Cada religião ensina aos seus membros uma educação do corpo, que atua sobre aspectos imateriais - crenças, ideias e valores - e materiais - objetos e símbolos que assumem a dimensão de consagração. No caso do evangelismo pentecostal tradicional, exemplificado pela Igreja Evangélica Assembleia de Deus, os ensinamentos religiosos são destinados à aprendizagem das medidas e ações de regramento da visibilidade do corpo, principalmente, o feminino.

Ao refletirmos sobre a aprendizagem do *modus operandi* de ser um corpo evangélico, percebe-se que o que está por trás é a necessidade de incorporação de um conjunto de hábitos destinados à moralização do corpo, para que “não caia em tentação e pecado”, a fim de assegurar a norma ética e moral religiosa para garantir a continuidade da existência da comunidade.

Rigoni (2009, p. 174 - 175) descreve que:

Gestos e comportamentos religiosos evidenciam a tentativa de moralização do corpo. Cria-se uma gestualidade tipicamente religiosa. Por mais simples e rotineiro que seja um gesto praticado por um crente, ele não é natural, mas aprendido. Os fiéis aprendem, desde muito cedo, que existem gestos puros e gestos profanos.



Ao tomarmos a escola como uma instância socializadora da cultura, parece que reside aí uma das tarefas pedagógicas das escolas confessionais, que seja, o professor de um conjunto de saberes religiosos, culturais e coletivos, compartilhados por seus membros.

Na EEA são professadas as orientações de uma vertente religiosa pentecostal tradicional, em que não se aceita o desmantelamento da ordem moral, para a qual o corpo se apresenta como potencialmente perigoso, disposto ao “pecado” e as “tentações da carne”. Portanto, a pedagogia do corpo evangélico professada se faz assentada nos símbolos morais da sua Igreja mantenedora, que orienta ao indivíduo o abandono de alguns hábitos e à aderência a outros, como “[...] a humildade e simplicidade indispensáveis à obtenção do perdão dos pecados” (WEBER, 2001, p. 85).

Derivam daí, implicações sobre o vínculo social e a condição juvenil dos jovens alunos e a restrição da vivência de práticas corporais esportivas, ou com bola, o que foi registrado pelas observações da pesquisa e ratificado pelas vozes dos alunos e da professora de Educação Física, apesar da sua presença no plano de ensino da disciplina. Há também, o desaconselhamento sobre o compartilhar de diversas outras expressões culturais juvenis, como práticas de esportes de aventura e urbanos, por exemplo, Slack Line, Le Parkur, Escaladas; a adoção de estilos de tribos identitárias; frequentar espaços sociais como academias de ginástica e casas de shows, tomados como locais de profanação do corpo; envolver-se com os esportes e o jogar; entre tantas outras.

Esses implicadores sociais e culturais revelam que há uma impossibilidade de uniformização das ações simbólicas do homem, ou de seus sistemas culturais prenes de significados simbólicos, produzidos socialmente no “tempo” e “espaço”, no interior dos diversos grupamentos humanos (GEERTZ, 2008). No caso dessa pesquisa, revelou-se o desafio em compreender o jovem aluno do EM, e suas relações com a EF, tomando a sua condição juvenil, o que implica em compreendê-los em suas diferenças, “[...] que se constituem como tal a partir de



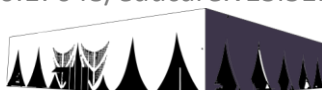
uma trajetória histórica, por vezes, com visões de mundo, valores, sentimentos, emoções, comportamentos, projetos de mundo bastante peculiares” (BRASIL, 2006, p. 220). Jovens alunos que são tensionados pela sua orientação religiosa, portanto, sagrada.

## 5 CORPO NA EEA: IMPLICAÇÕES SOBRE GÊNERO E PRÁTICAS CORPORAIS

Os dados da pesquisa oriundos da triangulação das análises de fontes documentais, observações e entrevistas revelaram que o processo de educação do corpo evangélico tem a intenção subjacente de construção “cristalizada” do que é feminino e do que é masculino<sup>3</sup>, no cotidiano da EEA. A presença da concepção social, cultural e histórica de gênero na escola evangélica assembleiana ao incidir sobre a corporeidade dos jovens alunos, afeta e gera implicações sobre suas relações com as práticas corporais, objeto de ensino nas aulas de EF no EM e sua condição juvenil.

Parte-se do reconhecimento de que os jovens alunos estão imersos na dinâmica social e cultural da EEA, que possui um universo de representações sociais sobre o “homem” e o “mundo”, que influenciam suas experiências e impressões corporais, que decisivamente, são impregnadas pelos modos de aprender comportar e relacionar-se com o mundo social mais amplo, difundidas pelos discursos morais e ideológicos sobre o corpo, propagados e reproduzidos pelas práticas sociais e escolares, neste caso, em concordância com a orientação religiosa evangélica.

O registro dos dados de campos indicou limites impostos à condição juvenil dos jovens alunos evangélicos, que a construção sociológica da “juventude evangélica” depende da especificidade de gênero, processada no corpo e que acentua diferentes maneiras de ser “homem” e “mulher” na fase adulta da vida.



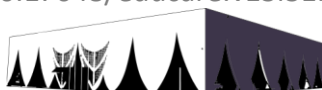
Bauman (2011, p. 171) conceitua gênero como “[...] categoria cultural que envolve a totalidade de normas às quais os membros das duas categorias sexuais são obrigados a se conformar em suas performances de masculinidade e de feminilidade”, o que permite perceber que, imbricada às questões biológicas que expressam diferenças sexuais, há uma construção social e cultural que ancora, naturaliza e legitima “o que é ser homem” e “o que é ser mulher”, segundo o mito religioso cristão adotado e professado pelos evangélicos<sup>4</sup>.

Revelou-se uma desigualdade no processo de educação do corpo. Há uma distinta forma de educar o corpo da criança evangélica, dependendo do sexo biológico, que lhe ensina diferentes papéis de gênero, resultante de influências sociais e culturais, que são naturalizadas pelas crenças religiosas e implicam sobre as suas possibilidades de experiências corporais na escola ou fora dela. Em síntese, se educa “a menina para o mundo privado e familiar; e o menino para vida pública”.

Bauman (2011) avalia que em grande parte da história da humanidade, distinções hereditárias em corpos humanos foram empregadas como materiais de construção para sustentar e reproduzir hierarquias sociais de poder, que implicou na naturalização de papéis masculinos e femininos, assim:

Homens foram feitos para ser homens; mulheres, para ser mulheres, e ponto final. Nada restara à vontade e à habilidade humanas senão obedecer e viver de acordo com a "verdadeira" natureza de cada um. Afinal, o que a natureza decidiu, nenhum homem (e em particular nenhuma mulher) pode alterar! Quem falou em nome da natureza raramente foi contestado - embora tenha havido exceções, elas em geral foram silenciadas na história (BAUMAN, 2011, p. 171, grifo do autor).

O processo de educação do corpo evangélico gera uma construção social e cultural sobre a corporeidade dos jovens alunos, que inclui o aprender de valores, posturas, gestos e movimentos corporais permitidos pela sua condição religiosa, pautados numa perspectiva de “ablução corporal”. Meninos e meninas aprendem



como “devem-ser” e a fazerem “usos do corpo” (MAUSS, 2003), por meio de movimentos e gestos definidos culturalmente, portanto, simbólicos e públicos, como femininos (sutis e passivos) e masculinos (viril e ativo), ambos balizados pela retidão moral.

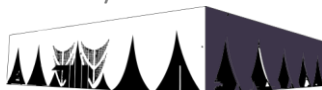
Há que se refletir que essa suposta fixidez de "atribuição sexual" por todo o tempo não é uma sentença do destino. Para Bauman (2011, p. 170, grifos do autor), a “nossa sexualidade”, como outros aspectos de nosso corpo, é tarefa a ser desempenhada, portanto, reforçada. E assevera que:

"Ser masculino" ou "ser feminino" é uma questão de arte que precisa ser aprendida, praticada e constantemente aperfeiçoada. Além disso, nenhuma das duas circunstâncias é autoevidente, amarrando-nos ao longo de nossas vidas, e nenhuma das duas oferece parâmetro claramente definido de comportamento.

Trata-se de um fenômeno complexo que inclui não apenas relações e práticas sexuais, mas também linguagem, discurso, indumentária e estilo. O exame do como a sexualidade é mantida revela que não é simplesmente dada ou herdada naturalmente, mas um fenômeno cultural. Bauman (2011, p. 170, grifos do autor) esclarece que:

Os seres humanos sempre nasceram com órgãos genitais de macho ou de fêmea e características corporais secundárias de macho ou fêmea. Mas, em todas as épocas, os hábitos e os costumes culturalmente modelados, ensinados e aprendidos definiram o significado de ser "masculino" ou "feminino". Não obstante, o fato de "masculinidade" e "feminilidade" serem construções humanas, não naturais e, como tais, abertas à mudança, foi suprimido na maior parte da história da humanidade.

O que nos leva a avaliar como a escola evangélica cristã é um *locus* importante de investigação dos sentidos simbólicos assumidos pelas práticas corporais, o que demanda investigações descritivas, dos aspectos simbólicos



culturais presentes nos “usos e expressões do corpo” dos professores e alunos, que possam possibilitar compreender “[...] as maneiras como os homens, segundo as diferentes sociedades, se serviram dele” (RIVIÈRE, 1996, p. 182).

O corpo evangélico é alvo de normas prescritivas e dogmáticas conservadoras, que promovem e exigem a adoção do evangélico a um estilo próprio de se vestir, expressar, ser, e por que não dizer, se movimentar. Assim, as vestimentas são alvo de preocupação da educação religiosa evangélica, pois devem permitir resguardar o corpo, principalmente, o feminino - considerado como potencialmente gerador de cobiça -, do olhar pecaminoso do “outro”, em específico, do “homem”.

Esse fato é um possível elemento explicador para que meninas e meninos sejam separados nas aulas de EF na EEA, quando supostamente, o corpo “pecaminoso” está mais à vontade para “mostrar-se ao outro”. Nota-se um entrelaçamento das questões biológicas às questões sociais e religiosas historicamente construídas sobre o corpo feminino e masculino, que aludem sobre a proposta e a realidade de ensino da EF na escola evangélica, e que também, se respaldam em construções do imaginário social, sobre o jovem e a juventude como fase “libidinosa” da vida do homem, com o desregramento moral, perturbada pelas mudanças morfofuncionais do organismo humano, principalmente, da maturação dos órgãos e funções sexuais.

As meninas são socializadas e ensinadas desde muito cedo a se vestir e se portarem com pudor e decência. Há um controle social e parental, que orienta e disciplina a conduta gestual das jovens alunas, cunhada pela pastoral religiosa evangélica, o que explica o uso obrigatório da saia, inclusive nas aulas de EF. Também faz com que adotem uma postura corporal mais contida no modo de sentar e “usar o corpo”, visto que recai, principalmente, sobre as jovens evangélicas: as preocupações com o preservar o seu corpo para o casamento, pois não se admite que a menina evangélica tenha relações pré-maritais, que é objeto de estranhamento e escandalização.

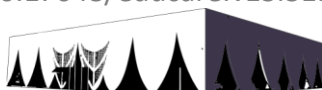


Esses registros reforçam que há direções a serem interiorizadas - afastamento das atrações mundanas - diariamente valorizadas no “espaço” e “tempo” da/pela cultura escolar que faz lembrar constantemente: da importância da autovigilância do corpo para que a pessoa não “caia” em situação de desgraça.

As meninas evangélicas assumem um padrão de apresentação do corpo (em sua maioria cabelos longos, lisos, soltos ou presos por presilhas, jamais coloridos, com mechas, ou qualquer outra forma de apresentação que não a convencional). O corpo feminino evangélico é marcado pela ausência de adereços como brincos, pulseiras, colares, maquiagem, tatuagens, piercings e que nas entrevistas foi confirmado como sendo um jeito corriqueiro de se apresentar que permite identificá-las como evangélicas assembleianas.

O corpo masculino, também, é alvo da educação do corpo evangélica cristã, para o qual é permitido apenas o uso de calça, mesmo nas aulas de EF, e exige um padrão de apresentação corporal, que exclui cabelos longos ou tingidos, com topetes de gel, e adereços.

Há uma gestualidade própria do corpo evangélico, que permite reconhecer a menina e o menino evangélico, nas contidas risadas e na falta de gestos expansivos como o acenar de mãos, o movimentar abrupto dos braços, a inexistência de abraços coletivos, que denotam uma inexistência ou resistência ao contato corporal, entre mesmos sexos ou sexos opostos. Apesar de termos notado a presença discreta de casais de namorados de mãos dadas no ambiente da escola, não presenciamos jovens alunos em situação de “ficar”, o que representaria uma clara invasão do “mundo” sobre a igreja, podendo ser visto, por um lado, como o menor dos danos. Ainda que possa vir a ser funcional, o “ficar”, por outro lado, pode vir a representar o perigo da iniciação dos jovens evangélicos, em práticas sexuais desaconselháveis, que abrem caminho para desvios e possíveis rupturas com a filiação religiosa (ALVES, 2011).





Gestos peculiares no comportar-se permitem distinguir evangélicos de não evangélicos. O que nos fez compartilhar com Mauss (2003), o conceito de técnica corporal para compreender a “fabricação” do corpo evangélico.

As técnicas corporais, assim definidas por Mauss (2003, p. 407, grifos do autor) agregam um componente eficaz e tradicional:

Chamo técnica um ato *tradicional eficaz* (e vejam que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). Ele precisa ser *tradicional e eficaz*. Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição. Eis em quê o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral.

Para Mauss (2003) as técnicas corporais se diferenciam e variam em relação a idade, sexo, rendimento (eficácia) e transmissão da forma, sendo resultado do polimento fisiológico, psicológico e social de nossas ações e habilidades motoras.

A aprendizagem e (in) corporação de um modo de se portar, se vestir, de falar, de rir, observados em meninos e meninas na EEA, são expressões da influência da educação religiosa evangélica, que a todo tempo vigia eficazmente “os usos do corpo”, para assegurar a dimensão tradicional, principalmente na adolescência, que Mauss (2003, p. 413) advoga como “O grande momento da educação do corpo é, de fato, o da iniciação”. O autor ressalta que para homens e mulheres “[...] o momento decisivo é o da adolescência. É nesse momento que eles aprendem definitivamente as técnicas do corpo que conservarão durante toda a sua idade adulta” (MAUSS, 2003, p. 414).

A pouca ou inexistência de uma linguagem oral marcada por expressões linguísticas e gírias nos fez aceitar que seja, em parte, produto da orientação religiosa e das formas de convivência familiar e social, que extrapolam os muros da escola e se fertilizam na vida social da Igreja e que expressa um modo de ser jovem evangélico assembleiano. É certo que cada religião, em maior ou menor



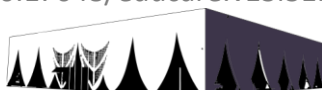
intensidade, ensina aos seus fiéis um programa de educação do corpo. Ou seja, uma ética moral de apresentação do corpo, “dentro” e “fora” da igreja, expressa em aceitação de costumes, interdições e regramentos da exposição e visibilidade do corpo, aprendidas por meio da imitação dos comportamentos de familiares, autoridades da igreja, para a qual, contribuem os professores e gestores de ensino.

Mauss (2003, p. 403, grifos do autor) explica que:

Em todos esses elementos da arte de utilizar o corpo humano os fatos *de educação* predominavam. A noção de educação podia sobrepor-se à de imitação. Pois há crianças, em particular, que têm faculdades de imitação muito grandes, outras muito pequenas, mas todas se submetem à mesma educação, de modo que podemos compreender a seqüência dos encadeamentos. O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros. É precisamente nessa noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social. No ato imitador que se segue, verificam-se o elemento psicológico e o elemento biológico.

As observações do cotidiano da escola evangélica permitiram identificar que a educação do corpo evangélico é de ordem tradicional e conservadora, que exige o “sacrifício corporal” como forma de garantir e reforçar os “laços simbólicos de fé” e “servidão com o sagrado”.

Exemplo de tudo isso é o uso de uniforme obrigatório de alunos e professores, conforme os padrões morais e religiosos difundidos na escola. O interdito das vestimentas, adornos e a obrigatoriedade do uso da saia representa como o corpo evangélico é palco de simbolismo religioso. Explicam o fato de encontrarmos a professora de EF trajando vestido com altura até os joelhos, sem adereços ou penduricalhos, nas aulas de EF. O que nos leva a concordar com Mariano (1999) de que o processo de educação do corpo evangélico parece intencional a manutenção dos laços da educação patriarcal, em que se baseia a



doutrina evangélica. O evangélico desenrola sua aparência exterior, onde os corpos se manifestam “[...] segundo as regras de uma exibição pública constante que quase nunca permite uma afirmação autônoma de si mesmo” (PELLEGRIN, 2008, p. 201).

Se vestido ou saia, pouco importa, o que interessa é refletir que em meio às práticas cotidianas de liberdade, somos:

[...] ao mesmo tempo autorizados e constrangidos. Em um nível, nos é ensinado que há tipos de desejos que o grupo considera aceitáveis e realizáveis. Maneiras apropriadas de agir, falar, vestir-se e comportar-se em geral fornecem a orientação necessária para a desenvoltura na vida dos grupos de que fazemos parte. Julgamo nos, então, de acordo com as expectativas, e nossa autoestima é estabelecida segundo esse julgamento (BAUMAN; MAY, 2010, p. 37).

O universo simbólico das diferentes sociedades compreende explicações míticas e/ou religiosas, que os diferentes homens, em diversas épocas e situações históricas e materiais, produziram para compreender e orientar sua realidade e suas ações individuais e coletivas, que se expressam em “usos do corpo”. Para Certeau (1982) é mister afirmar que cada cultura tem seu corpo, tal como, possui sua língua. Portanto, a adoção de certo estilo de se vestir, falar e comportar-se é importante para assegurar o legado cultural, ou seja, a cultura do grupo.

## 6 CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

O estudo dedicou-se ao registro de proximidades, diversidades e singularidades do cotidiano da EEA, que permitiram reconhecer uma cultura própria a partir da significação das práticas sociais que envolvem os processos pedagógicos e organizativos de gestão escolar e tomadas de decisões que geram implicações, tensões, concessões e restrições relacionadas à EF no EM.



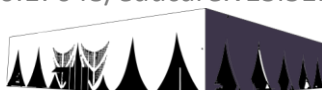
Identificou-se que há um grau de influência do *ethos* religioso evangélico sobre os “usos do corpo” e o *modus operandi* da EF no EM. A razão ordenadora da cultura escolar é de fundo, predominantemente, religioso. O sacrifício do corpo, dos prazeres da carne, é o que fundamenta a educação do corpo evangélico assembleiano.

Aos professores de EF ressaltamos a importância de (re) pensarmos de forma “relativa”, “sensível”, “generosa” e “tolerante”, que:

A escola, ao contrário do que possa parecer, não é um local neutro, homogêneo, universal. Cada escola é um lugar repleto de peculiaridades, valores, rituais e procedimentos que lhe são próprios. Ainda que certos elementos estejam presentes de uma maneira aparentemente uniforme, cada escola é também resultado daquilo que cada um dos seus sujeitos faz dela (professores, pais, alunos, funcionários, etc.). É um lugar de produção, criação e reprodução de cultura, de valores, de saberes: tempo/espaço de encontros, tensões, conflitos, preconceitos. A escola comporta os ordenamentos legais para seu funcionamento, assim como comporta, cada qual à sua maneira (com seus limites e possibilidades), a ação das pessoas. Possui regras fixas e impessoais de funcionamento, métodos de ensino e avaliação, ao mesmo tempo em que comporta acatamentos, subversões, resistências e enfrentamentos por parte dos sujeitos (BRASIL, 2006, p. 219).

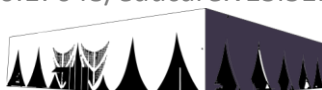
Apontamos que a interpretação dos sentidos simbólicos das ações humanas, no espaço/tempo em que ocorrem, inclusive na EEA, implica na reflexão da expressão da cultura no processo de constituição da identificação do sujeito e do sentimento de pertencimento a um grupo social, que se manifesta por meio de uma educação do corpo que concretiza uma construção sociocultural da pessoa, em especial, do sujeito jovem em sua “condição juvenil”.

A EF na escola evangélica assembleiana carece reconhecer que cada escola tem uma cultura própria instituída, que a conforma de modo particular, como uma prática social própria e única, bem como as subjetividades das juventudes que frequentam a escola, para assim, se revestir de uma “sensibilidade relativista e tolerante”, que permite aceitar e respeitar que os “usos do corpo” pelos jovens



alunos evangélicos são produzidos em concordância aos dogmas religiosos que exteriorizam a sua condição religiosa e sagrada.

O desafio posto é se valer de “micro negociações” cotidianas que fortaleçam relações dialógicas entre a EF e a cultura escolar evangélica, ainda que o “quadro de poder” seja irremovível, mas que busque um diálogo pluralista. O que implica em reinventar a sua presença na escola com a reinvenção de seus conteúdos, que na escola evangélica assembleiana não se assentam unicamente pelo “saber fazer” das práticas corporais.



## 7 REFERÊNCIAS

ALVES, Maria de Fátima Paz. Religião e Sexualidade: permanências e transformações da perspectiva de jovens pentecostais de Recife/PE – Brasil. IN: **Ciências Sociais y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 13, n. 15, p. 83-113, Jul./Dic. 2011.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. [Tradução Alexandre Werneck]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. [Tradução Vera Pereira]. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. [Tradução de Maria de Lourdes Menezes]. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DURKHEIM, Émile. **A Educação Moral**. [Tradução Raquel Weiss]. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GÉLIS, Jacques. O corpo, a Igreja e o sagrado. IN: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo: 1 Da Renascença às Luzes**. [Tradução: João Batista Kreuch; Jaime Clasen. revisão da Tradução: Ephraim Ferreira Alves]. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 19 – 130.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. [Tradução Paulo Neves]. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2000.

PELLEGRIN, Nicole. Corpo do comum, usos comuns do corpo. IN: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo: 1 Da**



Renascença às Luzes. [Tradução: João Batista Kreuch; Jaime Clasen. revisão da Tradução: Ephraim Ferreira Alves]. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 131 – 216.

RIGONI, Ana Carolina Capellini. Corpo feminino e religião: implicações para a Educação Física Escolar. IN: **Revista Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 10, n. 15, jul./dez 2009. p. 170 -182.

RIVIÈRE, Claude. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

RODRIGUES, José Carlos. **O tabu do corpo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. Dois Pontos, 1983.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 2001.

---

<sup>1</sup> A participação dos sujeitos da pesquisa foi respaldada por Termo de Livre Consentimento e Esclarecido (TCLE), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – UFMT e registrado na Plataforma Brasil/CONEP, sob o n°. CAAE 03256312.5.0000.5541, autorizado pela gestão escolar, professores e alunos que por serem menores de idade solicitamos autorização aos responsáveis legais (pais ou tutores).

<sup>2</sup> Mauss (2003, p. 401) define como sendo técnicas corporais, “[...] as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo”, compreendidas por nós como sendo os múltiplos modos de agir, sentir, ser e usar o corpo, aprendidos na vida em sociedade e que expressam sentidos culturais de determinado grupo.

<sup>3</sup> É interessante enfatizar que o pentecostalismo tradicional rejeita as discussões de gênero, principalmente, aquelas que perpassam pela homossexualidade que é alvo de condenação, por ser relacionada à incorporação de espíritos malignos ou ao aprendizado daquilo que é antinatural, viciante ou doentio (ALVES, 2011).

<sup>4</sup> É sabido que entre as proibições de usos e costumes entre os evangélicos pentecostais tradicionais ou conservadores, como é o caso dos assembleianos, estão: frequentarem bares e casas noturnas; diferenças nos papéis do homem e da mulher; consumo de drogas lícitas (bebidas alcoólicas e cigarros) e ilícitas; rejeição ao homossexualismo; prática sexual antes do casamento com a valorização a virgindade feminina. Os evangélicos usam a expressão “diferenciá-lo do mundo” que sintetiza a sua intenção de salvação.

Recebido em: 04/02/2017  
Aprovado em: 03/08/2018

